

O Sonho de Sócrates

Mario A. L. Guerreiro*

Resumo

A partir da análise de uma passagem do Teeteto, onde Sócrates narra um sonho (201 d-e), o autor analisa as implicações da tese segundo a qual elementos simples ou indivíduos podem ser nomeados e apreendidos pelos sentidos mas não explicados, conhecidos ou decritos, enquanto que os compostos daqueles elementos poderiam ser descritos, explicados e conhecidos. No fim várias considerações sobre a natureza dos indivíduos, sua cognoscibilidade, e a relação entre o todo composto e suas partes são apresentadas.

Em uma interessante passagem do Teeteto, Sócrates indaga qual o critério para distinguir as coisas cognoscíveis das incognoscíveis. Como Teeteto não oferece uma resposta satisfatória, Sócrates propõe narrar um sonho em que lhe apareceu uma. Diz ele que, neste sonho, ouviu alguns pensadores dizerem que os primeiros elementos (stoicheia), de que consistem os homens e as coisas, são de tal natureza que não é possível descrevê-los nem explicá-los. Os elementos ou simples podem apenas ser nomeados. Nada pode ser atribuído a eles; sequer podemos dizer que existem ou que inexistem (Teeteto, 201D-E).

Se fosse possível expressar em uma fórmula pertencendo exclusivamente a um elemento, nenhum outro termo devia fazer parte da composição dessa expressão, porém, na realidade, não há fórmula alguma em que um elemento qualquer possa ser expresso. Ele só pode ser nomeado, pois um nome é a única coisa que diz respeito a ele. Todavia quando nos deparamos com coisas compostas de elementos, como estas são complexas, os nomes são combinados para produzir uma descrição. Para todos os efeitos, uma descrição é uma combinação de nomes (Teeteto, 202B).

Os elementos ou simples são indescritíveis, inexplicáveis e incognoscíveis, porém, além de poderem ser nomeados, eles podem também ser apreendidos pelos sentidos. Diferentemente dos simples, os complexos ou compostos são descritíveis, explicáveis e cognoscíveis, de modo tal que se pode ter noções corretas deles.

* Departamento de Filosofia da UFRJ

Assim sendo, quando um sujeito cognoscente se apossa da verdadeira natureza de uma coisa complexa, ainda que ele não conte com uma explicação desta mesma, sua consciência pensa a coisa de um modo correto. Porém ele não conhece esta coisa, pois quando não se pode dar nem receber uma explicação de uma coisa, não se tem conhecimento desta mesma. No entanto, quando um sujeito cognoscente se apossa também de uma explicação, aí se pode dizer que ele possui conhecimento no sentido rigoroso do termo. (Teeteto, 202C).

Esta diferença entre (a) "se apossar da verdadeira natureza de uma coisa" e (b) "conhecer uma coisa" torna-se mais clara quando retrocedemos à passagem anterior à narrativa do sonho de Sócrates. Nesta passagem, Sócrates tinha recusado a identificação de "conhecimento" (episteme) e "crença verdadeira" (alethe doxa). De acordo com ele, alguém pode estar de posse de uma crença verdadeira, mas a mera posse desta mesma não constitui uma garantia da posse de conhecimento. O conhecimento é algo mais que a crença verdadeira, é a crença verdadeira aceita por razões ou justificações (alethe doxa meta logou). Na referida passagem, Sócrates encaminhou sua argumentação recorrendo a um exemplo extraído de um tribunal do júri.

Sócrates: Então, diga-me Teeteto: Que definição [de conhecimento] podemos formular com um mínimo de risco de nos contradizermos?

Teeteto: A que testamos anteriormente, Sócrates. Não tenho nada a acrescentar.

Sócrates: E que definição é esta?

Teeteto: A de que a crença verdadeira é conhecimento. Não pode haver qualquer erro em acreditar no que é verdadeiro, e as consequências disto serão sempre boas. (...).

Sócrates: Não precisamos ir muito longe para compreender a coisa. Você encontrará uma profissão cuja prática constitui uma prova de que a crença verdadeira, por si só, não é conhecimento.

Teeteto: Como assim? Que profissão?

Sócrates: A profissão destes luminares do intelecto que são os oradores e advogados. Eles são homens que usam sua habilidade

para produzir persuasão, não mediante instrução, mas por uma maneira de fazer as pessoas acreditarem em qualquer coisa que eles queiram. Dificilmente você poderia imaginar professores tão sagazes a ponto de ser capazes de, em tão curto tempo, informar exaustivamente seus ouvintes sobre os fatos verdadeiros de um caso de roubo, ou de qualquer outra transgressão da lei, que esses ouvintes não testemunharam ocularmente.

Teeteto: Realmente, eu não posso imaginar. Mas o fato é que eles costumam persuadir seus ouvintes.

Sócrates: E por "persuadi-los" você quer dizer "fazer com que eles creiam em algo"?

Teeteto: Evidentemente.

Sócrates: E que dizer quando um corpo de jurados fica inteiramente persuadido de determinados fatos que só podem ser conhecidos por uma testemunha ocular? Neste caso, os jurados estão julgando por um ouvir-dizer; aceitando uma crença como verdadeira, eles estão julgando sem estar de posse de conhecimento. E se eles chegam a um veredicto, sua convicção é por acaso correta?

Teeteto: Certamente.

Sócrates: Mas se a crença verdadeira e o conhecimento fossem a mesma coisa, o melhor dos jurados não poderia jamais ter uma crença correta sem ter conhecimento. Parece que estas coisas têm de ser diferentes. (Teeteto, 220D-201C).

Há razões para se pensar que as referidas coisas não só parecem como são de fato diferentes. Conhecimento implica crença e envolve evidências, provas ou justificativas. Crença não implica conhecimento, justamente por não ter de envolver nenhuma destas coisas. O exemplo escolhido por Sócrates é bastante apropriado, porque não é exigido dos jurados que eles decidam baseados em provas, mas sim por "convicção íntima". Sabedor disto, o advogado do júri se esforça para persuadi-los de que tal coisa foi deste ou daquele modo e eles não dispõem de nenhuma evidência, para confrontar a caracterização feita por ele com o que ocorreu de fato.

F.M.Cornford (1979, p.141) observou que um argumento semelhante apareceu no Timeu (51D) em que é dito que a existência das formas decorre da distinção entre "conhecimento" ou "compreensão racional" (nous) e "crença verdadeira" (alethe doxa). O conhecimento é produzido mediante informação e instrução e é sempre acompanhado de uma explicação dos seus fundamentos (alethes logos). O conhecimento não é afetado pela persuasão; é possuído pelos deuses e por um pequeno número de mortais. A crença verdadeira é produzida pela persuasão, não está baseada em quaisquer fundamentos racionais, pode ser modificada pela persuasão e é possuída por todos os mortais.

Voltando à questão dos elementos (simples), é importante frisar que - no contexto do diálogo platônico - estão em jogo unicamente coisas do mundo físico, pois, como admite o próprio Sócrates, os simples são apreendidos pela percepção sensível. Embora haja o pressuposto de que as coisas do mundo físico costumem se apresentar como substâncias compostas, não há o pressuposto de que seus elementos pertençam ao mundo invisível dos átomos de Demócrito, assim como não há o pressuposto de que sejam unidades indefiníveis do discurso, como é o caso dos termos primitivos. Porém, uma vez que nenhum exemplo de simples é apresentado, não sabemos se a narrativa do sonho tinha em vista substâncias básicas como o ouro e o ferro ou qualidades básicas como o amarelo e o redondo, ou mesmo ambas as coisas.

Se o que está em jogo é um simples (elemento), ele só tem um nome e só pode ser nomeado. Ele pode ser referido, mas não pode ser descrito nem explicado. Não podemos fazer nenhuma asserção sobre um simples, porque, se dizemos: "Isto é amarelo", estamos acrescentando ao nome "amarelo" os termos "isto" e "é", que obviamente expressam coisas diferentes do mero nome "amarelo" enquanto nome de uma qualidade. "Amarelo" expressa tudo quanto pode ser expresso e tudo quanto podemos perceber. O nome do elemento é indefinível, assim como o próprio elemento é inalisável.

Não somente na passagem que estamos examinando, mas também ao longo de todo o texto do Teeteto, pode ser encontrada uma forte distinção entre "percepção sensível" (aísthesis) e "conhecimento" (episteme). De acordo com a teoria exposta pela narrativa do sonho de Sócrates - teoria que será questionada pelo próprio Sócrates - podemos ter uma percepção direta dos elementos, mas não podemos ter conhecimento dos elementos. Diante de uma coisa complexa, podemos enumerar por meio de nomes os seus componentes. A análise é feita mediante uma enumeração das partes, ou seja: mediante uma descrição da coisa. Somente

quando esta descrição é feita é que podemos dizer que temos conhecimento (episteme). Teeteto se mostra inteiramente satisfeito com a concepção apresentada pela narrativa do sonho, porém Sócrates não se mostra satisfeito com ela.

Teeteto: De qualquer modo, estou satisfeito com essa concepção, Sócrates.

Sócrates: Sem dúvida, em si mesma ela parece inteiramente satisfatória, pois como poderia haver conhecimento sem uma crença verdadeira e uma explicação? Há um ponto, porém, que não consegue me satisfazer.

Teeteto: Qual ?(...)

Sócrates: Para começar: é verdade dizer que podemos fazer descrições de sílabas mas não de letras?

Teeteto: Pode ser que sim.

Sócrates: Eu concordo decididamente com isto. Suponha que você seja indagado a respeito da primeira sílaba de "SÓ-CRA-TES". Descreva, Teeteto, o que é "SÓ"?

Teeteto: "S" e "O".

Sócrates: E com isto você tem uma descrição da sílaba?

Teeteto: Sim. Sócrates: Vá adiante; dê-me, então, uma descrição de "S".

Teeteto: Mas como se poderia enunciar os elementos de um elemento? O fato é que "S" é uma consoante. Nada mais que um ruído, uma espécie de silvo. (Teeteto, 202D-203B).

Como assinalou Cornford (1979, p.147), o ponto fraco da teoria é que ela afirma que os elementos não podem ser conhecidos; podem ser apenas percebidos. Se assim fosse, o processo de aquisição de conhecimento assumiria uma estranha feição: um processo que consiste em analisar um complexo que não é ainda conhecido em componentes que não podem ser conhecidos. Configura-se a partir daí um dilema:

o complexo é mera soma dos seus componentes ou uma entidade singular que se constitui quando os elementos são combinados e se desfaz quando eles são separados? Em outras palavras: O todo é a soma das partes ou algo mais?

Sócrates examina ambas as alternativas e mostra que ambas conduzem a aporias. Supondo que o todo seja a soma das partes, alguém que conheça o complexo tem de conhecer todos os seus elementos. Neste caso, ele não tem conhecimento de cada elemento tomado em separado, mas tem conhecimento de todos reunidos. O próprio Teeteto é levado a considerar que isto é um rematado absurdo (Teeteto, 203C-E). Supondo que o todo seja algo mais que a soma das partes, então temos de inferir que ele não tem partes. Se uma coisa tem partes, "o todo" tem de ser o mesmo que "todas as partes" (Teeteto, 204).

A aparente petição de princípio se desfaz inteiramente quando nos damos conta de que Sócrates está pondo seriamente em questão a afirmação de que não podemos conhecer os elementos de um complexo ou as partes de um todo. Se não podemos conhecer cada parte tomada isoladamente, não podemos conhecer as partes tomadas conjuntamente, e se não podemos conhecê-las deste modo, tampouco podemos conhecê-las daquele outro.

Cornford (1979, p.149) observou que, quando encaixamos todas as peças de um quebra-cabeças, ele adquire uma unidade formando uma figura - uma figura que se desfaz quando as peças são separadas umas das outras. Porém Sócrates tem razão em afirmar que a entidade resultante não é propriamente descrita como "o todo", pois a figura só pode despontar mediante sucessivas adições das peças, e somente a adição da última peça produz a figura completa. Sócrates sustenta veementemente que "o todo" não pode ser distinto de "a soma" e "a soma" não pode ser distinta de "todas as partes" (ta panta).

Sócrates passa então a examinar a possibilidade de o todo não ser o mesmo que a soma das partes. Quando dizemos: "1,2,3,4,5,6" ou "3x2" ou ainda "3+2+1", não expressamos coisas diferentes de maneiras diferentes, porém a mesma coisa de maneiras diferentes. Ao menos no que diz respeito aos números, as palavras "soma" e "todas as coisas" querem dizer o mesmo, assim como "o número de pés quadrados em um acre" e "um acre", "o número dos soldados em um exército" e "um exército". Partindo daí, Sócrates leva Teeteto a ter de concordar que não há diferença entre "uma soma" e "um todo" (Teeteto, 205).

Parece não haver dúvida de que as expressões apresentadas por Sócrates têm significados equivalentes. Todavia, é preciso estar alerta para o uso

de quantificadores naturais tais como "Todo", "Todos", "Todos os", etc. Consideremos a seguinte asserção: "Todos os homens nesta sala são capazes de levantar aquela mesa". Embora não pareça, esta asserção é ambígua, pois podemos entender que "todos" quer dizer: "todos os homens atuando juntos" ou quer dizer: "qualquer um dos homens por si só". Evidentemente, esta observação não afeta em nada a afirmação de que o todo é a soma das partes. Embora seja correta a idéia de que a união faz a força, a força da união é a soma das forças de cada um dos indivíduos separadamente.

Na passagem em que Teeteto se viu compelido a concordar com Sócrates que não há diferença entre uma soma e um todo, Sócrates introduziu uma nova noção de todo, não mais como "soma das partes", porém como "algo em que nada está faltando".

Sócrates: E "o todo" não é exatamente a mesma coisa que "algo em que nada está faltando"? Assim, quando algo é removido, a coisa deixa de ser um todo e uma soma. Ela deixa ao mesmo tempo de ser ambos para não ser nenhum dos dois. (Teeteto, 205).

Que devemos entender pela expressão "algo em que nada está faltando"? No texto do Teeteto, não há qualquer esclarecimento e, por isto mesmo, temos de nos limitar a formular uma hipótese. Parece que a única alternativa plausível é entender que está em jogo a noção de indivíduo (átomos) - não como uma entidade invisível e materialmente indivisível, segundo a concepção dos atomistas- mas sim como uma entidade visível, contável e dotada de uma forma substancial.

Supondo que seja assim, a expressão platônica terá de ser entendida como "algo em que não está faltando nada capaz de promover uma descaracterização da coisa". Um homem sem uma perna não deixa de ser um homem, apesar de uma das partes do seu corpo estar faltando, porém um homem sem cabeça, sem membros inferiores e superiores, não pode ser mais considerado um homem: é o tronco de um corpo de um homem que foi esquartejado. Uma cadeira sem braços continua sendo uma cadeira, uma cadeira sem encosto passa a ser um banco, mas um banco ou uma cadeira sem pernas deixam de ser o que são enquanto objetos para sentar.

Não parece haver nenhuma incompatibilidade entre as noções de "soma das partes" e "algo em que nada está faltando" tout court, mas há uma clara incompatibilidade entre as noções de "soma das partes" e "algo em que não está faltando nada capaz de promover uma

descaracterização da coisa", pois esta última noção apresenta um aspecto qualitativo que vai além do puramente quantitativo implícito na expressão literal do texto: "algo em que nada está faltando". Esta noção é incompatível com os conceitos de "forma substancial" e "essência". Cornford apontou muito bem esta dificuldade:

Quando a enumeração está completa, conhecemos tudo que podemos conhecer sobre a coisa. Desse modo, o todo nada mais é do que a soma das partes. Assim, para esta teoria, um homem é cabeça, tronco e membros. Não há uma substância ou essência "homem" além das partes "materiais" separáveis - uma substância ou essência que tanto Platão como Aristóteles reconheceram e tornaram objeto de uma definição por gênero próximo e diferença específica. (Cornford, 1979, p.151).

O problema aqui não é que uma divisão tal como: cabeça, tronco e membros seja arbitrária, porém que ela tem uma validade parcial, ou seja: tem validade de um ponto de vista estritamente anatômico; e ainda que se considerasse estar em jogo unicamente a noção de "homem" como sinônimo de "corpo humano" e que o todo em questão fosse o corpo humano, a referida divisão continuaria parcial, pois a anatomia não esgota o conhecimento sobre o corpo humano: é apenas uma entre outras disciplinas voltadas para este objeto do saber.

Esta observação chama a atenção para um ponto importante que não é tematizado por Platão no Teeteto: O todo pode ser dividido de diferentes maneiras. Algumas vezes a divisão é arbitrária, mas outras vezes as diferentes maneiras resultam de diferentes critérios de divisão. Por exemplo: de um ponto de vista estritamente anatômico, um corpo humano é dividido em cabeça, tronco e membros. De um ponto de vista biológico, ele tanto pode ser dividido em sistemas (sistema nervoso, sistema digestivo, etc.) como pode ser dividido em unidades do organismo. Embora as células sejam tomadas como unidades para determinados enfoques, elas não são indivisíveis e não são assim tratadas pela citologia, assim como a microfísica não trata os átomos como as partículas indivisíveis do atomismo de Demócrito.

Apesar de não ter sido tematizada a questão da possibilidade de diferentes divisões de um composto, há uma passagem em que Sócrates mostra ter aventado esta importante alternativa:

Sócrates: Por exemplo: Hesíodo diz de uma carroça: "Em uma carroça há cem peças de madeira". Eu não poderia nomeá-las

todas e acho que você também não poderia. Mas se fôssemos indagados sobre o que é uma carroça, deveríamos nos contentar se pudéssemos nomear "rodas", "eixo", "boléia", etc. (Teeteto, 207).

Em um automóvel há provavelmente muito mais de cem peças e estas podem perfeitamente ser enumeradas e nomeadas, porém não se pode dizer que alguém que se desse ao trabalho de desmontar um automóvel e identificar todas as suas peças adquiriria um conhecimento relevante dele, pois, para todos os efeitos, a identificação de cada peça não forneceria nenhum conhecimento sobre o funcionamento da máquina. Não há dúvida de que uma catedral é construída com pedras e pode ser desmembrada em pedras, mas nem por isto costuma ser objeto de estudo em um tratado de mineralogia.

Diante de todas as dificuldades encontradas, Sócrates é levado a refutar a teoria de que podemos conhecer o todo, mas não podemos conhecer as partes:

Sócrates: Então, se partimos da nossa experiência de elementos e complexos para examinar outros casos, concluiremos que os elementos em geral fornecem um conhecimento que é mais claro do que o conhecimento do complexo e mais efetivo para uma apreensão abrangente de qualquer coisa que procuramos conhecer. Se alguém nos diz que o complexo é por natureza cognoscível, ao passo que os elementos são incognoscíveis, suporemos que - tenha ou não a intenção - ele está brincando conosco. (Teeteto, 206B).

O pressuposto da passagem acima é que, se o complexo é cognoscível, os simples têm de ser cognoscíveis. Neste caso, para manter a coerência, o todo tem de ser considerado como soma das partes. Tal como outros diálogos platônicos, o Teeteto é muito mais interessante pelos problemas que coloca do que pelas soluções que propõe ou sugere. A passagem do sonho de Sócrates levantou um problema que atravessou séculos e continua desafiando nossa capacidade de solucioná-lo. Na realidade, este problema se desdobra em algumas questões correlacionadas: (1) Que é um elemento (simples ou indivíduo)?, (2) Pode um elemento (simples ou indivíduo) ser conhecido? (3) Qual a relação entre o todo (composto ou complexo) e as partes (elementos, simples ou indivíduos)?

Geralmente, os termos "elemento", "simples" e "indivíduo" costumam ser empregados como sinônimos, assim como os termos "todo",

"complexo" e "composto". Há casos em que estas sinonímias não produzem nenhum problema de natureza semântica, mas há casos em que determinadas distinções mostram-se necessárias. Por exemplo, se tomamos a palavra latina *individuum* no seu sentido etimológico, ela quer dizer: "indivisível". Neste sentido, corresponde à palavra grega *atomos*.

Demócrito e os atomistas a empregavam neste sentido etimológico, pois sua concepção de "átomo" era a de uma partícula indivisível e invisível. Pode-se dizer ainda que os átomos eram simples, tanto em contraposição à noção de composto como à de complexo, e eram elementos, porque eram concebidos - juntamente com o vazio - como a realidade última de que se formam todas as coisas. Desse modo, de um ponto de vista atomista, parece que os três referidos termos são intercambiáveis sem gerar qualquer problema semântico, o que não quer dizer que sejam intercambiáveis em todo e qualquer contexto sem produzir problemas.

Como dissemos, não há no Teeteto nenhuma definição e nenhum exemplo de "simples". Contudo, há evidências de que não é o átomo de Demócrito que está em questão. A concepção exposta no sonho de Sócrates admite que os simples, embora não possam ser conhecidos, podem ser percebidos. Ora, se podem ser percebidos, não podem estar no domínio do invisível (*adelon*). Neste sentido, Cornford parece ter razão ao sugerir que os simples tanto podem ser concebidos como substâncias básicas (tais como o ferro e o ouro) ou como qualidades básicas (o amarelo e o redondo). Não há dúvida de que os simples devem ser concebidos como entidades visíveis. Mas devem também ser tomados como indivisíveis?

A palavra "indivisível" é ambígua, pois tanto podemos entender: (a) o que, por sua natureza material, não comporta qualquer fracionamento ou (b) o que pode comportar fracionamento, mas corre o risco de perder sua identidade. Os átomos de Demócrito eram tomados como indivisíveis no sentido (a), mas as letras do alfabeto só podem ser tomadas como indivisíveis no sentido (b), pois as letras são compostas de traços e estes, por sua vez, de pigmentos de giz, grafite ou qualquer outro material adequado para a escrita. O problema é que se dividimos a letra "V" em dois traços verticais em determinada disposição espacial - por exemplo: "\ /" , estes traços em separado não são letras.

No sonho de Sócrates, as letras foram apresentadas como "simples" e as sílabas como "compostos". Não resta a menor dúvida de que as sílabas se compõem de letras, uma palavra se compõe de sílabas, um enunciado se compõe de palavras e um discurso de enunciados. Mas as letras só podem ser consideradas simples quando tomadas como unidades

morfológicas da escrita alfabética, porque, do ponto de vista material, elas são compostas. Não há contradição em dizer que as letras são simples e compostas, porque elas são uma coisa ou outra dependendo do modo como são consideradas. O mesmo pode ser dito das palavras. De um ponto de vista morfológico, são compostas, pois podem ser divididas em traços como os números do mostrador de um relógio digital. Porém de um ponto de vista semântico são simples - pois são as unidades mínimas de significação [não os morfemas, uma vez que estes indicam funções mas não significam coisa alguma].

Podemos dividir uma palavra em sílabas, mas, se fizermos isto, ela deixará de exercer seu papel semântico e só poderá ter significado acidentalmente, como a sílaba "só" de "Só-cra-tes" em português. S. Rosen chamou a atenção para este ponto:

Podemos aceitar que nomes se referem a elementos e que explicações são construídas com nomes. Mas palavras não são formadas combinando os nomes das sílabas. Podemos dizer que o nome da sílaba formada pelas letras "S" e "O" é "SO". Daí o nome "Sócrates" poder ser construído a partir dos nomes "SO", "CRA" e "TES". Mas o significado do nome "Sócrates" nada tem a ver com os nomes dos seus constituintes silábicos. A palavra desempenha uma mediação crucial entre elementos e enunciados. Se a palavra não tivesse elementos, não poderíamos compreendê-la. Mas a compreendemos no contexto dos enunciados. As palavras se tornam, portanto, elementos "simples" de enunciados, que, por sua vez, talvez possam ser chamados de elementos "simples" de logoi, discursos articulados. (Rosen, 1980, p.127).

Pode-se dizer a partir daí que uma das deficiências da tematização dos simples no Teeteto é que não é levado em consideração o aspecto de que a determinação de um simples depende de um critério de relevância e dos interesses epistemológicos desta ou daquela abordagem. Suponhamos que tivéssemos de formalizar a sentença complexa: "Pedro é torcedor do Flamengo e João é torcedor do Fluminense".

Para efeito do cálculo sentencial, tudo o que importa é que temos duas sentenças declarativas articuladas pelo conectivo "e". Não importa que as sentenças consideradas simples sejam, na realidade, complexas, do ponto de vista das suas constituições internas, pois elas vão desempenhar os papéis de duas variáveis em uma conjunção, ou seja: p.q. Contudo, para efeito do cálculo de predicados, a constituição interna das sentenças é levada em consideração pela formalização, e neste caso temos : F (x). G(y).

De um ponto de vista estritamente químico, a água de uma represa é um grande aglomerado de moléculas compostas de hidrogênio e oxigênio. Estes gases são simples, mas a água é um composto. Contudo, de um ponto de vista estrito da resistência dos materiais, as noções de pluralidade e de composição são inteiramente irrelevantes, pois a água da represa será considerada uma massa pressionando outra massa: a parede da represa que a retém.

A noção de "parte" é também uma noção ambígua, pois ora é usada para fazer referência a uma entidade realmente simples, ora é usada para fazer referência a uma entidade composta ou complexa inerente a outra mais abrangente ou mais complexa. O arco-íris, por exemplo - de acordo com a ótica newtoniana - se reparte em sete cores. Algumas destas cores são primárias (o vermelho, o amarelo e o azul), mas outras são compostas (o alaranjado, o verde e o violeta). Desse modo, o amarelo é um simples dentro de um composto (o arco-íris), mas o alaranjado é um composto dentro de um composto mais complexo que ele. Os números inteiros são simples dentro do conjunto dos números inteiros, mas este mesmo conjunto têm dois subconjuntos: o dos números ímpares e o dos pares. Desse modo, tanto os números como os subconjuntos são partes de um conjunto. A diferença é que os números não podem ter partes, mas os subconjuntos são partes em relação ao conjunto e têm elementos que são partes em relação a eles.

A noção de "todo", por sua vez, talvez seja mais ambígua do que a de parte. No seu sentido mais abrangente, o que está em jogo é a noção de "totalidade de todas as coisas". Não podemos dizer que esta noção seja ininteligível, pois compreendemos perfeitamente o que ela quer dizer. Trata-se, porém, de algo podendo ser concebido como mero somatório de coisas heteróclitas, pois não dispomos de nenhuma razão para adotar a sedutora concepção de que todas as coisas do universo estão interligadas por misteriosos fios invisíveis. Desse modo, quando fazemos asserções sobre este "todo" corremos o sério risco de estar proferindo sentenças ininteligíveis. Esta aceção de "totalidade de todas as coisas" é tão difícil e espinhosa quanto a de "ser", como observou aguçadamente M. Grene:

"Ser" é a palavra mais difícil em filosofia. De fato, a maneira mais fácil de praticar filosofia consiste em fazer isto sem usar tal palavra; pois, freqüentemente na especulação dos filósofos - por exemplo: na daqueles que caminharam na sombra de Hegel e do idealismo alemão - os leigos podem acompanhar um argumento razoável, um argumento voltado para problemas substanciais e relevantes sobre o conhecimento, a conduta humana ou a natureza, quando, inesperadamente, desponha

algo que parece uma lacuna, um nada. "O Ser", somos informados, é tudo aquilo de que se trata. Mas o que é realmente este "Ser", isto é algo que ninguém parece ser capaz de dizer. (Grene, 1963, p.175).

Em uma acepção mais modesta, "todo" passa a ser "algo que possui partes". Se o todo é mera soma das partes ou se é algo mais, isto é uma questão a ser discutida. Porém sendo uma coisa ou outra, não podemos conceber que algo seja um todo e não possua partes, assim como não podemos conceber algo que seja parte e não seja parte de algum todo. Assim como o lado de dentro e o lado de fora, governantes e governados, direitos e deveres, as noções de "todo" e "parte" são conceitos correlacionais, ou seja: um não pode ser concebido sem o outro. Se não há lado de fora, não pode haver lado de dentro e vice-versa; se não há todo, não pode haver parte e vice-versa.

Não há dúvida de que há casos em que o todo é mera soma das partes. Consideremos por exemplo uma penca de 14 bananas e admitamos que todas as bananas estão maduras. Podemos expressar isto de duas maneiras. A mais simples, do ponto de vista da economia da linguagem, consiste em dizer: "Todas as bananas desta penca estão maduras". A mais complicada - mas não menos precisa - consiste em dizer: "A banana 1 está madura e a banana 2 está madura e...a banana 14 está madura". No primeiro caso, o quantificador universal da linguagem natural "Todas" é usado de um modo não-ambíguo para indicar a soma das unidades em um sentido estrito de "todas sem nenhuma exceção". No segundo caso, a noção de soma é expressa pela conjunção de uma série de proposições simples.

Cabe lembrar que a propriedade "maduro" tanto pode ser considerada como uma propriedade das bananas tomadas separadamente como da penca de bananas. Parece razoável admitir que, se o todo é realmente a soma das partes - e nada além da soma das partes - qualquer propriedade essencial atribuível ao todo tem de ser atribuível a qualquer uma das suas partes. À primeira vista, parece que um fractal obedece a esta exigência, pois qualquer uma das suas partes reproduz a forma do todo, apesar da reprodução ser feita em uma escala menor.

O problema é que isto nem sempre ocorre. Consideremos, por exemplo, esta substância conhecida pelo nome de nitroglicerina e pela fórmula $C_3H_5(NO_3)_3$. Não há dúvida de que se trata de um composto de ácido nítrico, ácido sulfúrico e glicerina. Nenhuma das três substâncias tomada separadamente tem a propriedade de produzir uma explosão, mas quando as três são misturadas produzem explosão mediante ação de choque ou elevação da temperatura. A propriedade do todo não é

propriedade de nenhuma das suas partes tomada isoladamente, porém uma propriedade que emerge de duas interações: a das substâncias entre si e a do todo com um fator externo.

Estas propriedades emergentes que caracterizam determinados tipos de todo tanto podem ser encontradas no mundo natural como no mundo humano. A interação de indivíduos em um grupo pode produzir determinadas características inencontráveis nos indivíduos isoladamente. Neste tipo de todo, não se pode considerar que o todo é a soma das partes, porque há propriedades do todo que não são propriedades das partes.

Outro tipo de todo é o que costuma ser chamado de Gestalt. Neste caso, diz-se que o todo é mais rico do que as partes que o compõem e não pode ser reduzido às suas partes. A diferença entre substâncias compostas como a nitroglicerina e as configurações apresentadas pelo gestaltismo é que, no primeiro caso, o todo adquire uma propriedade especial inencontrável em qualquer das suas partes, mas este processo se passa no mundo físico, não envolvendo um sujeito percipiente.

A propriedade explosiva do referido composto não precisa de nenhuma interação com a percepção humana para se manifestar. No segundo caso, no entanto, está em jogo um determinado padrão que só se constitui instantaneamente para um ato de apreensão em que estímulos provenientes do mundo sensível são organizados por uma forma proveniente da consciência humana. Porém, eles não são percebidos como elementos e posteriormente organizados em um todo: eles são imediatamente percebidos dentro da configuração que se constitui imediata e espontaneamente. (Köhler, 1954).

Abstract

Socrates's dream in Plato's *Thaetetus* (201 c-d) serves the author first as to analyze the thesis that elements or individuals can be named and perceived by the senses, but not explained, known or accounted for. Then some implications of this analysis are drawn and some considerations on the nature of individuals, their knowability, and the relationship between the whole and the parts made.

Referências Bibliográficas

CORNFORD, F.M. (1979) Plato's Theory of Knowledge. *The Thaetetus and The Sophist of Plato*, translated with a running commentary. Londres. Routledge & Kegan Paul, Grene, M. (1963) *A Portrait of Aristotle*, The University of Chicago Press.

KÖHLER, W. (1954) Gestalt Psychology. Nova Iorque. Liveright Rosen, S. (1980) *The Limits of Analysis*, chapter 3.10: "Socrates' Dream". New Haven. Yale University Press.